

## A redescoberta do pertencimento à natureza por uma cultura da corporeidade

Vera Lessa Catalão

vera.catalao@terra.com.br

Aprender não significa mais memorizar e acumular conhecimentos e ensinar não significa mais repassar conteúdos prontos. Existe um consenso entre as teorias pedagógicas de que é preciso contextualizar, articular informações, promover relações e conexões para que aconteça aprendizagem. Percebe-se cada vez mais ser impossível separar os aspectos cognitivos das expressões emocionais e sociais presentes em todo processo de aprendizagem. Fica também cada vez mais difícil separar quem ensina de quem aprende, tal a alteração que os processos de aprendizagem operam em seus participantes. Hugo Assman<sup>1</sup> afirma que o conhecimento deve provocar a emergência de novas vivências e o que chamamos conhecimento é uma organização dinâmica de organismo/ambiente em um contexto de inter-ação. Para Paulo Freire, aprender é um ato de encontro entre pessoas mediado pelo mundo. Fritjof Capra<sup>2</sup> compreende que toda aprendizagem de um ser vivo deve resultar em transformação individual e co-evolução da espécie. Nós, seres humanos do século 21, que recebemos a cada instante e mesmo em sonhos um mundo de informações desconexas nos perguntamos: como processar informação e como transformar informação em atitude? Esta é sem dúvida uma questão central para a educação contemporânea e para uma educação ambiental que busca reunir natureza e cultura em um pacto pela Vida.

Em educação ambiental, sobretudo nas escolas, a despeito do volume de discussão acumulada, das grandes conferências sobre o tema e dos projetos desenvolvidos nas escolas e comunidades, não temos conseguido a emergência de atitudes solidárias e sustentáveis em relação ao meio ambiente e à natureza. Parece que o temor de uma catástrofe planetária que os relatórios de instituições reconhecidas como ONU/UNESCO apontam como provável não é suficiente para transformar nossos gestos cotidianos. Lemos, ouvimos e vemos diariamente tanta informação sobre tragédias humanas e naturais que as banalizamos e nos distanciamos delas rapidamente. No fundo pensamos que tudo aconteceu com outros e muito longe daqui e não vai acontecer na minha aldeia e muito menos na minha casa. Como trazer este planeta distante para o coração do indivíduo planetário que pode vir a transforma-lo para o bem ou para o mal? como resgatar o

---

<sup>1</sup> ASSMANN, Hugo, *Reencantar a educação: rumo à sociedade aprendente*. RJ-Petrópolis, Vozes, 2003 p.32.

encantamento e o prazer do conhecimento? Que ambiente pedagógico pode favorecer a fascinação pela pesquisa e a inventividade de tecnologias solidárias com a vida? como podemos passar das relações de uso abusivo para o uso consciente e o gesto responsável?

A minha experiência na formação permanente de educadores tem mostrado ser fundamental para a formação em educação ambiental o cultivo da sensibilidade e da inteligência do corpo. Em alguns espaços de formação de jovens e adultos tenho proposto a introdução sistemática de atividades corporais e estéticas. As avaliações que fazemos durante e após estas experiências tem mostrado o quanto elas repercutem nos participantes. Tenho refletido o quanto a inscrição corporal nos permite apropriar a informação e a internalizá-la como conhecimento. Os biólogos F. Varela e H. Maturana da Escola de Santiago<sup>3</sup> compreendem que toda experiência cognitiva inclui aquele que conhece de modo pessoal e enraizado na sua estrutura corpórea, razão pela qual toda experiência de certeza é um fenômeno individual, uma solidão que só é transcendida no mundo que criamos juntos uns com outros. No caso da água, elemento matriz da ecopedagogia com que trabalho, a inscrição corporal é tão predominante que trata-se somente de recordá-la, através de jogos, exercícios corporais, experiências meditativas associadas a imagens e sons. A esta junção das dimensões corporais e estéticas, temos denominado *corporeidade* no sentido dado pelo filósofo francês Merleau-Ponty<sup>4</sup> que compreende o corpo como dotado de inteligência própria - conceito posteriormente aprofundado pelos biólogos H. Maturana e F. Varela<sup>5</sup> sob a denominação de *autopoiesis*. Essa unidade entre o corpo e psiquê manifesta-se nas memórias guardadas pelo corpo das experiências vividas e aprendidas – manifestando assim a unidade indissociável entre as dimensões biológica e psicológica do ser humano. Nosso corpo cognoscente guarda as marcas das diversas fases da nossa historia biológica, não como resquícios do passado, mas como parte da estrutura dos processos cognitivos atuais. Merleau-Ponty<sup>6</sup> designa o corpo como estrutura vivida e contexto dos processos cognitivos e afirma que *a consciência do corpo invade o corpo*. Para o autor a corporeidade define-se como unidade mente-corpo em movimento e instância privilegiada da percepção “*Eu não posso compreender a função*

---

<sup>2</sup> CAPRA, Fritjof. *A teia da vida*. S.Paulo:Cultrix, 1997

<sup>3</sup> MATURANA, Humberto ; VARELA, Francisco. MATURANA, *L'Arbre de la connaissance ; racines biologiques de la compréhension humaine*, Paris, Addison-Wesley, 1994 p. 22.

<sup>4</sup> MERLEAU-PONTY Maurice, *La phénoménologie de la perception*, Paris, Galimard, 1964, p.531.

<sup>5</sup> Op. Cit. p. 256

<sup>6</sup> Op. cit, p. 523

*do corpo senão como uma realização de mim mesmo na medida em que eu sou um corpo que se ergue para o mundo.*”<sup>7</sup> O corpo em movimento reorganiza o ser vivente como um todo, assim podemos entender a afirmação de Merleau Ponty de que a percepção emerge da motricidade e que *por princípio, toda percepção é ação*, o que mais tarde será retomado por Humberto Maturana<sup>8</sup> quando diz que as ações são operações de um sistema vivo presente no mundo. Assim, andar, olhar, pensar, falar, ter uma experiência espiritual são ações do ser humano em relação no mundo.

Partimos do princípio que despertar o corpo abre novas percepções do real e permite uma outra abordagem epistemológica do conhecimento. O corpo tem outros olhares e os sentidos aflorados e ativos favorecem a integridade da compreensão do real. Esta é a razão pela qual tenho integrado como parte constitutiva das atividades de formação permanente que desenvolvemos<sup>9</sup> (geralmente fazemos este trabalho em equipe) com ênfase na consciência corporal, na estética do gesto, na experiência com os ritmos e formas de respiração. Penso que o trabalho criterioso e freqüente com corpo e sensibilidade é uma pré-condição para agir e pensar de forma não-fragmentada. Nesse sentido, na minha pesquisa de doutorado, realizei duas experiências de formação continuada em educação ambiental. Na primeira apresentamos um programa conceitual rico e interdisciplinar de formação e na segunda, mantivemos a mesma abordagem conceitual, mas introduzimos exercícios corporais, estimulação dos sentidos, respiração consciente e reflexão sobre os processos de simbolização e foi notável a diferença e a mudança de qualidade da segunda formação. Quase cinco anos depois, as pessoas que vivenciaram o processo exploram a dimensão simbólica e sensível no trabalho de educação ambiental que realizam.

Esta ecologização da ação que suscita a transformação e duração das experiências de aprendizagem confirmam que *«A internalização do conhecimento depende da sensibilidade do corpo, da estética dos fazeres e da re-significação dos gestos cotidianos»*.<sup>10</sup> O corpo com seus ritmos e sentidos restabelece no indivíduo a conexão entre o mundo interior e o exterior. Esta dimensão subjetiva é fundamental para a interiorização do conhecimento e para construção de

---

<sup>7</sup> op. cit. p. 90

<sup>8</sup> MATURANA, Humberto. *Cognição, ciência e vida cotidiana*. Belo Horizonte, editora da UFMG, 2001 p.129.

<sup>9</sup> Desenvolvemos o trabalho pedagógico com enfoque no corpo e na dimensão simbólica da aprendizagem em colaboração com a pesquisadora e educadora Yara Magalhães do Centro de Educação Integral e Ambiental (CEIA).

<sup>10</sup> CATALÃO, Vera Lessa, *L'eau comme métaphore éco-pédagogique : une recherche-action auprès d'une école rurale au Brésil*. Thèse de doctorat, Paris, Université Paris VIII, 2002, p 347.

saberes pertinentes nas instâncias locais até aquelas mais globais. Enquanto transitarmos no âmbito da externalidade do que aprendemos e não transmutarmos o conhecimento em consciência ética e tecnologia responsável, muito pouco alcançaremos para reversão de um modelo civilizatório predador de gente, natureza e cultura. Despertar o corpo é uma das condições essenciais para fazer emergir uma consciência capaz de transformar a nossa relação de uso inconseqüente dos recursos naturais em uma relação de sabedoria e uso responsável a partir dos gestos cotidianos, como propõe com muita sensibilidade Gaston Pineau<sup>11</sup>.

Assim como a ecologia suscitou a integração de diversas áreas disciplinares para produção de conhecimento sobre as questões ambientais, o trabalho pedagógico necessita do corpo e da sensibilidade estética para que aconteça a ecologização das ações e de valores resultando em atitude solidária para com os outros seres e com o meio-ambiente.. A partir da observação da teia da vida é possível perceber como uma ação produz uma corrente de reações e assim reconhecer no princípio da reciprocidade a base da sustentabilidade da vida

O pensamento sistêmico, fundador do conhecimento ambiental, pode ser melhor apreendido a partir dessas novas janelas da alma – corpo e sensibilidade. Ver o todo nas partes e vice-versa, discernir a rede de relações presentes nos ambientes naturais e construídos pela humanidade abre caminho para uma reflexão mais abrangente e inclusiva das questões humanas e ambientais. Cultivar um pensamento dialógico que busca reunir preservando a diferença. Essa nova forma de olhar o mundo pressupõe que se leve em conta relações, encadeamentos, complementaridades, oposições, contextos, ritmos e significados presentes no real.

A abordagem sistêmica desloca o foco da função para a organização. A noção de sistema engendra progressivamente os conceitos de auto-regulação, de processo e de rede. Os biólogos Humberto Maturana e Francisco Varela trazem para discussão o princípio da autopoiesis, ou seja da capacidade dos organismos recriarem-se continuamente. Essa capacidade de autocriação é o núcleo biológico da dinâmica constitutiva dos seres vivos. Os seres vivos recriam-se, constantemente ( aprendem) em relação interativa com o meio. Os sistemas vivos são sistemas cognitivos e a vida é um processo de cognição. H. Maturana<sup>12</sup> compreende que *“da Ameba a Mozart ou Einstein, todo ser vivo é um contínuo processo criador, não de mera adaptação a um meio como pensava o funcionalismo darwinista, mas como simultânea invenção do meio e de si*

---

<sup>11</sup> PINEAU, Gaston . *De l'air, essai sur l'écoformation*. Paris, Paideia, 1992, p.248.

*mesmo.*” Os organismos são sujeito e objeto da evolução, tanto produzem o ambiente quanto são produzidos por ele. Esta auto-criação depende do movimento como percepção e relação com o meio. O conhecimento emerge do corpo como uma unidade em ação: de pensar, de amar, de andar, de sentir, de prever etc. Esta experimentação sensível dos indivíduos com outros indivíduos mediada pelo ambiente renova e diversifica a vida na Terra.

O pensamento complexo sistematizado por Edgar Morin<sup>13</sup> dialetiza a noção de totalidade proposta pela teoria sistêmica ao afirmar a retroação das partes no todo, em uma epistemologia de articulações que compreende o indivíduo como dotado de uma dinâmica capaz de manter e transformar um sistema. O indivíduo é o centro dinâmico dos processos de aprendizagem. A abordagem complexa busca distinguir os fios entrelaçados do objeto e da consciência que o desvela, ao mesmo tempo que busca reuni-los como um todo indissociável.

Todos esses conceitos e teorias entrecruzadas por uma abordagem transversal, como propõe René Barbier,<sup>14</sup> e captadas por uma sensibilidade desperta, podem amparar um projeto de educação ambiental que tenha como objetivo o desenvolvimento humano e a sustentabilidade da vida. A transversalidade nesse caso reúne os saberes significativos para os membros de uma comunidade à pluralidade dos saberes disciplinares e interculturais, buscando construir uma epistême inter e transdisciplinar, sem graus de hierarquia que impliquem no predomínio de uma linguagem ou tipo de conhecimento. A cognição não subjuga o afetivo, mas com este se articula no ato de conhecer.

Finalmente, reconhecemos a vida cotidiana como espaço-tempo de produção de sentidos e significado para os indivíduos. Temos observado que é da instância local que parte a espiral que nos conduz ao global como fazem os círculos concêntricos da água em movimento. O que está em jogo é a produção de sentidos por indivíduos e comunidades no espaço da vida cotidiana onde a aprendizagem é construída.

Para Gutiérrez e Prado<sup>15</sup>, se quisermos dar sentido ao que fazemos, precisamos aprender a sentir com nossos sentidos. Com os sentidos recuperamos o significado, incorporamos a direção e evocamos os sentimentos nos pequenos gestos da vida cotidiana. A corporeidade como unidade perceptiva funciona como instrumento afinado de leitura do mundo que nos permite estar de

---

<sup>12</sup> MATURANA, Humberto. *Cognição, ciência e vida cotidiana*. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2001, p.101.

<sup>13</sup> MORIN, Edgar. *Introduction à la pensée complexe*. Paris, 1990, ESF.

<sup>14</sup> BARBIER, René. *La recherche- action*. Paris, Anthropos, 1996.

<sup>15</sup> GUTIÉRREZ, Francisco e PRADO, Cruz. *Ecopedagogiaie cidadania planetária*. S.Paulo, Cortez, 1999, p.63.

forma congruente e inteira no ato existencial. O corpo guarda a memória da ação, podemos mesmo pensar que a sustentabilidade do conhecimento depende do registro corpóreo. Os sentidos despertos nos devolvem a vida cotidiana como uma aventura única possível de ser impregnada de sentido - valor e significado. Para transformar a cultura de consumo em cultura de cuidado o ser humano precisa voltar-se sobre si mesmo, afinar os sentidos para “*colocar-se ao pé das coisas, junto delas e a elas unido*” Leonardo Boff<sup>16</sup>. A atitude transdisciplinar demanda um olhar sem viseiras e uma escuta sensível capaz de fazer emergir a natureza encoberta no corpo que sente.

**Vera Lessa Catalão**

Profª Drª em Ciências da Educação pela Universidade de Paris VIII,  
docente e pesquisadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

---

<sup>16</sup> BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano - compaixão pela terra*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1999, p. 95.